ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PASSATEMPO OU APRENDIZAGEM

ROSANA MARTIN DOS SANTOS

RESUMO

O completo desenvolvimento de todos os indivíduos ocorre através da "ARTE". Estimular arte na educação é permitir, isso significa liberdade, todavia é necessário ter total atenção as reações das crianças no período das atividades, analisando os processos como recursos, analisando os potenciais de criações para que estes colaborem com a aprendizagem. Deste modo, o artigo presente tem como finalidade de trazer uma ponderação a respeito da colaboração que a arte ocasiona no desenvolvimento da criança, já que os indivíduos aprendem por meio da interação uns com os outros e com meio. A pesquisa qualitativa foi a metodologia empregada, tendo como justificativa a precisão de ponderar a respeito das contribuições no qual a arte origina para o desenvolvimento das crianças, sem contar as análises referente as distintas construções, embolsando a arte como menção de múltiplas linguagens que desenvolvem a expressividade humana, além disso o aprofundamento teórico a respeito o tema em questão. O papel da arte na educação infantil também se estende à formação de vínculos afetivos, tanto com os educadores quanto com os colegas. Projetos artísticos colaborativos incentivam a interação e o compartilhamento de ideias, gerando um ambiente de confiança mútua. Esse laço favorece a criação de um espaço seguro onde as crianças se sentem livres para explorar sua criatividade sem o medo de serem julgadas. Conclui-se que a partir do momento que a arte faz parte do planejamento das aulas, salienta-se a seriedade de explorar o ensino de Artes nas atividades que são sugeridas, tendo como intuito o favorecimento da aprendizagem expressiva. Diante de todos esses aspectos, é evidente que a inserção da arte na educação infantil não deve ser vista como um luxo ou uma atividade secundária, mas como um componente essencial do processo educativo. Ao promover um ambiente de aprendizagem rico em experiências artísticas, os educadores ajudam a formar não apenas indivíduos mais criativos e críticos, mas também cidadãos mais conscientes e respeitosos em relação à diversidade que compõe nossa sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Arte. Educação infantil. Passatempo. Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

No presente artigo, é possível analisar de qual modo a disciplina arte pode ser sobreposta na educação da criança, por ter a precisão de compreender e responder qual a importância de tal disciplina e de qual maneira a mesma auxilia na educação das crianças, tendo em vista incentivar a sensibilidade dos alunos, estimulando-o a pensar, sentir e agir de maneiras distintas, através da utilização das várias linguagens artísticas, procurando beneficiar o desenvolvimento do potencial de criação do indivíduo. É indispensável um ambiente para o desenvolvimento pessoal e social através da vivência e retenção do conhecimento artístico e estético dos alunos, e para isso é necessário refletir sobre uma metodologia nova.

A arte possui uma importância grande na educação escolar e em um contexto ela apresenta o encargo imprescindível na vida dos indivíduos a contar do princípio das civilizações, transformando-se em um fator fundamental de humanização.

Portanto, o desígnio do presente artigo é elucidar qual a seriedade da arte para as crianças. Para isso, é possível ter como base os conceitos apresentados através dos autores a contar do momento que se referem a um estudo desenvolvido a respeito do desenvolvimento significativo da criança, que na obra.

É indispensável deixar claro a contar do princípio que "esses movimentos não são estáticos, não delimitam seu território de maneira estanque, definitiva, são de extrema importância para o desenvolvimento da criatividade das crianças, sobretudo por meio do trabalho do professor sendo um mediador.

Assim sendo, a arte passa a ser contemplada como uma atividade e começa a ocupar

a categoria de disciplina de arte, para que a mesma seja muito além do que alguma coisa para ser tratada exclusivamente na escola, entretanto algo que ocasione alterações de comportamento.

DESENVOLVIMENTO

Embolsamos influencias de diversas culturas, que foram conectadas, metabolizadas por nós, caracterizando a diversidade cultural brasileira manifestada em diversas singularidades regionais. De acordo com Ferraz e Fusari, (1999, p.16), os seres da natureza, assim como os objetos produzidos culturalmente, estimulam em todos nós várias emoções e sentimentos diferentes sejam agradáveis ou não aos nossos sentidos e ao nosso entendimento.

Ao nascer prontamente, nós começamos a viver em um mundo no qual já possui uma história social de produções culturais que colaboram para a estruturação do nosso senso estético. A contar da infância, as crianças assim como nós, interagimos com as manifestações do ambiente no qual vivemos e vamos aprendendo a manifestar nossos prazeres e gostos, através de imagens, músicas, histórias, objetos, movimentos, falas, jogos e informações com os quais nos comunicamos na vida no dia a dia.

Gradualmente, vamos reformulando às nossas maneiras de admirar, de julgar, de gostar, de apreciar e além disso de fazer as distintas manifestações culturais de nosso grupo social. A arte encontra-se presente, a contar das primeiras manifestações de que se tem conhecimento, assim como linguagem, produto da analogia homem/mundo (Barros e Gasparin, 2007).

Na época do Brasil colônia o ensino oferecido aos habitantes era ordenado por meio dos jesuítas, eles apresentavam a catequese todo um trabalho não apenas da religião, entretanto além disso de educar os indígenas e aqueles que chegavam de Portugal. O ensino jesuítico era direcionado para fortalecer a importância da própria existência humana em analogia com a fé sendo um registro cultural.

Os valores jesuíticos gradualmente foram sendo vencidos a contar da alteração e a propagação da escola pública e primária nas últimas décadas do século XIX. A formação dos indivíduos deixa de sobressair as obrigações jesuíticas e, assim, deu início a se espalhar no Brasil produção com o desígnio de instruir a população a ler e a escrever tendo como alvo a colaboração para a formação de um indivíduo novo, cidadão republicano, que respondesse os pedidos do até então regime político (Ferraz e Fusari, 1992).

Em tal panorama de escolarização do desenvolvimento da alfabetização passaram a existir as cartilhas pela imprudência da imprensa brasileira nessa ocasião. Para nos embolsarmos uma linguagem, entendermos, interpretarmos e oferecermos sentido a ela, é necessário compreendermos a atuar através dos seus códigos (Barros e Gasparin, 2007).

Assim como na escola existe um espaço instituído para à alfabetização na linguagem das palavras e dos textos orais e escritos, é necessário existir cuidado com a alfabetização nas linguagens da arte. Visto que através delas é possível compreender o mundo das culturas e o próprio eu particular. A Arte trata-se de uma maneira do homem compreender o contexto em sua volta e passar a se relacionar com ele. A História da Arte no Brasil está assinalada pela dependência cultural (Barros e Gasparin, 2007).

De acordo com Martins e Picosque, (2009, p. 10), uma referência indispensável para compreender o ensino de arte no Brasil é a notável Missão Artística Francesa, que no ano de 1816 foi trazida por dom João VI. Criou-se então, a Academia Imperial de Belas-Artes, no qual, posteriormente a proclamação da República, calhou a ser nomeada de escola Nacional de Belas Artes.

Existiu uma alteração no nome da escola, eles chegaram para elaborar uma academia de ciências, artes e ofícios após dez anos é uma escola de belas artes, transforma a clientela, assim sendo ao contrário de ser uma classe trabalhadora é uma classe que tem aspirações à aristocracia, começa a ser um símbolo de distinção social dessa forma é principiado o preconceito ao ensino da arte, a maior parte dos indivíduos avaliam o ensino da arte como um luxo desnecessário, algo que poderia viver sem (Ferraz e Fusari, 1992).

O Brasil naquele período vivia a disseminação do Barroco, entretanto o Neoclassicismo trazido por meio dos franceses é que foi adotado pelas elites e classes dirigentes como o que existia de mais "moderno". A arte embolsou um conceito de "luxo", apenas ao alcance de uma elite privilegiada que estimava as manifestações artísticas no qual não acompanhavam tais padrões (Martins, Picosque e Guerra, 1998).

A contar deste período, obtemos uma história do ensino da arte com foco no desenho, traçado por uma compreensão de ensino autoritária, centralizada na valorização do produto.

Na década de 1930 passar a existir, com ampliada influência nos anos de 1950 e 1960 pelos até então atuais estudos a respeito da criatividade, o movimento denominado Escola Nova, já presente nos Estados Unidos e Europa, a partir do fim do século XX. Assegura Guerra, (2009, p.12), que a influência da pedagogia focalizada no aluno, nas aulas de arte, conduziu o ensino para a expressão livre e valorização do processo de trabalho.

Por volta do ano 2000 o Ensino de artes no Brasil, embolsa de modo efetivo o seu espaço como sendo uma disciplina essencial no desenvolvimento das crianças nas áreas emocionais, cognitivas e culturais. São direcionadas as discussões para a escolas, professores, e sua verdadeira função diante do ensino de artes e seus alunos, os inadequados procedimentos que sucessivamente foram realizados na prática educativa, no qual a arte foi sempre sobreposta, como um corriqueiro passatempo, trazendo atividades eventuais ao mundo das artes, e sua real função no interior da educação.

Formosinho, (2007, p. 108) cita que "Arte significa ter mais linguagens significa diferentes formas de representar o Mundo. Queremos que as nossas crianças tenham mais que uma imagem acerca de uma coisa. Quantas mais formas de linguagem se introduzirem (música, dança, drama, pintura etc.) mais rica a escola será"

A arte não se deve ser deixada de lado em segundo plano, com uma função de recreação, trabalhos manuais ou confecções de cartões puramente comemorativos, ou, atividades motoras. Ainda nas escolas infelizmente existem profissionais não qualificados. Vários professores, que ministram as aulas de artes não possuem especialização, e, o que acontece é que eles não permanecem dando a importância correta ao conteúdo em si de artes (Barros e Gasparin, 2007).

Além disso aponta-se para o número impróprio de horas dispensadas para a disciplina, e, a ausência de sincronia em meio a escolas, professores titulares, professores de artes em trabalhar em projetos, e conteúdos integrados. São dificuldade que ao passar do tempo podem ser resolvidos, seja com professores qualificados em Licenciaturas em Artes, inteiramente conscientes do seu imprescindível papel como educador, "que deixa de ser emissor de conhecimento e passaria a ser um orientador, com o papel de auxiliar o desenvolvimento livre e espontâneo da criança" (Barros, 2005, p. 53).

O educador precisa trabalhar com planejamento, organização com os outros educadores, e instituições, instituindo uma rede constante de profissionais que entendam e se modernizem frequentemente nos conceitos e as linguagens da arte. O papel dos profissionais em artes na educação não é "simplesmente ministrar aulas fragmentadas de arte, mas, sobretudo de organizar um espaço de cultura que possibilite a ampliação das expressões e das linguagens da criança." (Vecchi, 1999, p. 129).

Assim é preciso um espaço livre para a imaginação das crianças e as suas liberdades de expressões, para que essas crianças possam aprender a gostar de arte nas mais variadas maneiras de linguagens que a arte oferece, um mundo a ser descoberto pelo aluno. "Tal gosto por aprender nasce também da qualidade da mediação que os professores realizam entre os aprendizes e a arte" (Iavelberg, 2003, p. 10).

Portanto, fala-se de um educador com sensibilidade para guiar seus educandos refletir, apreciar, produzir, ler, reler a arte, contextualizar. Segundo (Vygostsky, 1989), a emoção estética distingue-se através da existência de três momentos: uma estimulação (percepção sensorial de forma), uma elaboração (específica da natureza da vivência estética) e uma resposta (construção e criação do objeto estético do sujeito).

Incumbe ao educador desempenhar tais momentos, dessa forma o aluno será estimulado para o mundo das artes, emoções, ações, produções, com atividades nas várias linguagens artísticas. São fundamentais na educação infantil as atividades lúdicas, o contato direto da criança com experiências no qual possibilitam as mesmas a sentir, pensar, executar, estimulando dessa forma, sua imaginação, observação e suas habilidades estéticas.

Através da habilidade estética a criança vai aprimorando e desenvolvendo os meios e as relações que vão constituindo ao transcorrer de toda a sua vida com o mundo e com outros indivíduos. A criança por si mesma possui a sua própria ideia do feio, do bonito, assim expressando seus conceitos característicos ao seu próprio gosto.

Explorar este aspecto natural da criança com atividades lúdicas, onde elas podem expor suas emoções, ideias, desafiando-a a ler seu contexto de uma maneira poética e estética. As crianças são seres históricos e sociais, e assim elas são construídas nas relações e nas interações que estabelecem com os demais.

A tendência tecnicista encontrar-se atual na Lei nº 5.692, de 1971, que implementou o elemento curricular Educação Artística. A lei, determinando que em tal disciplina passassem a ser abordados conteúdos de música, teatro e artes plásticas nos cursos de 1º e 2º graus, acabou instituindo uma figura de um professor singular que precisaria dominar todas essas linguagens de maneira competente.

A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394), deliberada em 20 de dezembro de 1996, constitui em seu artigo 26, parágrafo 2º: "O ensino da Arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma de promover o desenvolvimento cultural dos alunos".

Em tal contexto, não reproduz somente o que nota, entretanto cria distintos sentidos, utilizando a imaginação para preencher os vazios de sua concepção do mundo, articulando definições próprias para o que nota e percebe. Começa a interagir com manifestações artísticas, estéticas e comunicativas do ambiente e, nessa interação, se insere o contato com o contexto social e cultural que atravessa a estruturação do senso estético.

As crianças naturalmente adentram em contato com o mundo sensível, atuando sobre ele com afeto, cognição, motricidade, e arquitetam para si um conjunto perceptivo de formas, gestos, texturas, cores, sabores e sons, conferindo ao mundo, sentidos e organizações distintas. O docente precisa ponderar essas significações já erguidas e expor o desafio de erguer outras (Pires, 2009).

A expressividade infantil acarreta na constituição das maneiras de linguagens e comunicações desempenhadas no processo de socialização. Agindo expressivamente é no qual a criança se instrui e vivencia modos de ser e de permanecer no mundo humano. O desenvolvimento de tal expressão infantil incide unido com seu desenvolvimento afetivo, perceptivo e intelectual e procede dos exercícios de conhecimento de mundo. Exercícios esses de instituir noções a contar das suas experiências sensoriais e/ou corporais (Formosinho, 2007).

A experiência do mundo típico e a inserção das experiências características que ministram elementos para a representação infantil ocorre no contato com distintos indivíduos. Por meio do trabalho o professor pode realizar o aperfeiçoamento das potencialidades perceptivas, enriquecendo as experiências que as crianças vivem no cotidiano com conhecimento artístico e estético e isto acontece a partir do momento que elas são encaminhadas para observar, ver, tocar, por fim, notar as coisas, a natureza e os objetos ao seu redor (Barros e Gasparin, 2007).

Em tal contexto as crianças criam, experimentam, vivenciam durante todo o tempo, interagindo com a arte de maneira implícita, assim sendo é indispensável a troca com o outro para que possa distinguir e notar peculiaridades fundamentais do processo de criação (Formosinho, 2007).

Na etapa da educação infantil as atividades artísticas cooperam com oportunidades cheias de riquezas para seu desenvolvimento, visto que dispõe ao seu alcance vários tipos de materiais para que possam manipular, sem mencionar a arte espontânea que passar a existir em muitas brincadeiras ou

até mesmo a contar de uma proposta mais encaminhada.

O lúdico, desenho, teatro, pintura, dança, criatividade, o faz de conta, são presentes em um período no qual, as crianças se expressam, comunicam e transformam a vida na analogia com a arte, isto é, "somos potencialmente criadores, possuímos linguagens, fazemos cultura" (Pires, 2009, p. 47).

O docente necessita oferecer oportunidades para que os alunos se expressem de maneira espontânea, pessoal, entretanto é indispensável que esses professores sejam capazes de avaliar o contexto das atividades e quais benefícios as mesmas irá trazer para o desenvolvimento das crianças (Ferraz e Fusari, 1992).

Os professores da educação infantil procuram oferecer atividades artísticas instituindo símbolos que expressem pensamentos e sentimentos, assim sendo, para que isso ocorra é indispensável planejar, orientando e avaliando as atividades, isto é, o docente precisa ser um atento observador e sensível, frequentemente novas técnicas novas e recursos para explorar a arte na sala de aula, colaborando dessa forma para o desenvolvimento de todos os seus alunos (Pires, 2009).

Por meio da concretização de atividades artísticas as crianças desenvolvem sentimentos, autoestima, capacidade de representar o simbólico, avaliando, avaliando e realizando interpretações, desenvolvendo habilidades características da área das artes. A criança da educação infantil explora amplamente os sentidos, já que se depara na etapa do concreto, fazendo com que sejam enriquecidas suas experiências.

Já que em tal período, suas habilidades são incentivadas, facilita o processo de ensino-aprendizagem, já que são desenvolvidas as percepções e a imaginações, o que favorece as compreensões das distintas áreas do conhecimento (Barros e Gasparin, 2007).

A arte é essencial na formação das crianças, uma vez que banca experiências individuais e para que a arte seja muito bem empregada como um instrumento no desenvolvimento cognitivo, intelectual e emocional dos alunos, os professores precisam ter sensibilidade e conhecimento de que a arte é essencialmente imprescindível no dia-a-dia escolar, ciente da sua função na analogia com o desenvolvimento (Buoro, 1996).

E dessa forma, a utilização e o ensino das artes na educação infantil estarão sempre ligados aos interesses daquele que aprende, já que estes serão autores de suas próprias histórias, transformando a arte parte de suas vidas, dando um contexto para algo visto como enigmático, transformando tal prática em uma ferramenta pedagógica que vai colaborar na construção dos indivíduos (Formosinho, 2007).

A pouco tempo atrás a educação não permanecia implantada no ciclo básico, contudo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96 permitiu que esta fase pedagógica achasse sua própria colocação na formação das crianças, do mesmo modo a arte abriu caminho neste espaço pioneiro, visto que ela desempenha um papel fundamental em tal fase educacional, abrangendo os aspectos do conhecimento, da sensibilidade do conhecimento e da cultura (Martins, Picosque e Guerra, 1998).

A mente da criança equivale à do artista, já que os dois adentram com extrema facilidade no mundo da imaginação, daquele conhecido faz de conta onde tudo pode acontecer, têm o dom de fantasiar a tudo. Do mesmo modo, um ingênuo traço pode ser transformado em um enorme e lindo castelo. Tanto as crianças quanto os artistas notam as coisas a sua volta de uma maneira distinta e especial, já que suas percepções sensíveis lhes consentem ressignificar o através de configurações singulares (Barros e Gasparin, 2007).

De tal modo, a educação precisa oferecer privilégios para a liberdade de manifestações de todas as crianças. Precisa ser trabalhada em cima de um universo lúdico e mágico vivido nessa faixa etária, tendo a capacidade de produzir processos de aprendizagem expressivos e não simplesmente para reproduzir alguma coisa já pronta (Vygotsky, 1989).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010) explanam que tal proposta curricular precisa assegurar experiências que busque explorar os conhecimentos de si próprio e do mundo, no qual permanecem inseridos, através de experiências sensoriais, corporais e expressivas, exis-

tindo o respeito com o ritmo de cada criança, consentindo brincadeiras que oferecem oportunidade para o aprofundamento nas diferentes linguagens, sendo elas, verbal, musical, artística e dramática.

Sendo assim, pertence às instituições de Educação Infantil delinear propostas que unam essas vivências. Diante desses conceitos, compete ao docente se apropriar desse conhecimento de mundo que a arte transpassa, consentindo conhecer os sons, cores, texturas, gestos, sensações e as distintas percepções para que deste modo seja possível transmitir um conhecimento de mundo significativo (Pires, 2009).

A arte é algo indispensável na vida das crianças, já que contribui para o desenvolvimento expressivo, para construir a poética pessoal e para o desenvolvimento da criatividade, transformando-os em indivíduos mais sensíveis e que enxerga o mundo através de outros olhos. Os seres humanos são cheios de criatividade e têm a destreza de aprender e de ensinar (Ferraz e Fusari, 1992).

A criatividade das crianças necessita ser trabalhada e desenvolvida, e é por meio do trabalho concretizado com a arte nas escolas que isso será possível, visto que, de acordo com (Buoro, 2000, p. 39) "Arte se ensina, Arte se aprende". No entanto, nas escolas é possível notar que acontece o oposto, a arte está sendo desvalorizada e alocada somente como "momento de repouso" das outras disciplinas que são ponderadas com ampla importância, ou além disso um recurso para decorarem datas comemorativas, como descreve os (PCN – Artes, 1997).

Sem contar que, existem ainda aqueles professores que interfere no processo de construção do aluno, querendo determinar as suas "técnicas" ou o que ponderam como apropriado, retirando assim o estimulo dos alunos e impedindo que desenvolvam sua própria poética, seu próprio estilo (Buoro, 1996).

A inserção da arte na educação infantil tem sido objeto de intensos debates no meio acadêmico e entre profissionais da área educacional. Embora frequentemente percebida como uma atividade lúdica e recreativa, a arte revela, na prática, um papel de extrema relevância no desenvolvimento cognitivo e afetivo das crianças. Este ensaio busca analisar a arte não apenas como um passatempo, mas como uma ferramenta de aprendizagem que promove o desenvolvimento integral e contribui para a formação de indivíduos críticos e criativos (Vecchi, 1999).

Os benefícios cognitivos decorrentes do envolvimento com atividades artísticas na primeira infância são amplamente demonstrados em estudos interdisciplinares. A prática artística estimula várias funções cerebrais, facilitando a integração de conhecimento, a memória e a concentração. Dessa forma, ao manipular materiais, experimentar novas texturas e observar diferentes cores, a criança realiza conexões entre saberes, desenvolvendo a plasticidade cerebral. Tal processo não se limita à simples expressão estética, mas propicia a construção de conhecimentos de forma lúdica e contextualizada, integrando aspectos da linguagem, matemática e ciências (Barros e Gasparin, 2007).

Além disso, a arte na educação infantil desempenha um papel crucial na melhoria da percepção espacial e na coordenação motora. Por meio de atividades que envolvem movimento, desenho e esculpir, as crianças aprimoram suas habilidades motoras finas e grossas, o que posteriormente facilita a realização de tarefas escolares e o desenvolvimento da escrita (Pires, 2009).

Os processos de experimentação e repetição, inerentes a produções artísticas, reforçam a capacidade de observar detalhes e aumentar a atenção a aspectos que demandam foco, contribuindo para um melhor desempenho em atividades que exigem organização e planejamento (Martins, Picosque e Guerra, 1998).

Outro ponto de relevância diz respeito ao desenvolvimento emocional dos pequenos. A prática artística possibilita a expressão de sentimentos e emoções de forma simbólica, o que se mostra particularmente importante em um contexto pedagógico no qual se busca promover a autoestima e a empatia (Barros e Gasparin, 2007).

Ao transformar suas emoções em imagens, sons e formas, as crianças encontram um meio de comunicar experiências que muitas vezes transcendam a linguagem verbal. Este processo fortalece a saúde emocional e au-

xilia na resolução de conflitos internos, colaborando para a construção de uma identidade sólida e para o reconhecimento das diferenças individuais (Vygotsky, 1989).

No que se refere à aprendizagem crítica e reflexiva, a arte na educação infantil possibilita o desenvolvimento do pensamento divergente. O ambiente artístico estimula a criatividade e a capacidade de problematizar a realidade, abrindo espaço para a formação de opiniões e o questionamento de padrões estabelecidos (Barros e Gasparin, 2007).

Este aspecto é fundamental para a formação de educadores que visam estimular, desde os primeiros anos, a autonomia intelectual e a proatividade em seus alunos. Através deste aprendizado, a criança passa a compreender que o conhecimento não se restringe a fórmulas prontas e que a experimentação e o erro são partes integrantes do processo de aprendizagem (Ferraz e Fusari, 1992).

Adicionalmente, a incorporação de práticas artísticas no cotidiano escolar promove a colaboração e o trabalho em grupo. Em atividades que requerem a construção coletiva de um mural, por exemplo, os alunos aprendem a dialogar, a negociar ideias e a respeitar as contribuições dos colegas (Formosinho, 2007).

Este aspecto social da aprendizagem contribui para um ambiente escolar mais inclusivo e plural, no qual a diversidade é valorizada e cada criança se sente parte importante de um grupo coeso. Dessa forma, o espaço pedagógico se transforma em um laboratório de experiências onde a arte atua como catalisadora do desenvolvimento social e afetivo (Pires, 2009).

Em síntese, ao analisar as múltiplas facetas dos benefícios cognitivos, motores, afetivos e sociais proporcionados pela prática artística na primeira infância, torna-se evidente que a arte merece ser encarada como um elemento central na formação dos indivíduos. Para os educadores, é imprescindível reconhecer que o envolvimento com a arte transcende o mero passatempo, sendo uma poderosa ferramenta de aprendizagem que fomenta o potencial criativo e crítico das crianças (Vygotsky, 1989).

Portanto, a incorporação sistemática de atividades artísticas no currículo da educação infantil não só enriquece a experiência pedagógica, como também facilita processos de construção de conhecimento e de formação integral dos alunos.

CONCLUSÃO

Ao construir esse artigo foi possível constatar que a arte não pode ser vista exclusivamente como um passatempo para as crianças, todavia, como uma forma de aprendizagem. A contar das pesquisas realizadas é possível notar que a arte é de extrema seriedade para o desenvolvimento e a definição no qual são impressas colabora muito para que as mesmas se sintam nas atividades atreladas à alfabetização.

Seguramente a arte proporciona recursos para que os alunos reflitam a respeito dos processos de ver, fazer e conhecer a arte. Não fundamentalmente o educando precisa se transformar um artista, entretanto que a contar da tenra idade, possa vir a desenvolver a sensibilidade crítica a respeito dá arte. O educador possui extrema importância em tal processo para exibir com objetividade e clareza aos alunos, que a arte transpassa bem mais além de um simples rabisco, que a contar disso a criança desenvolva sua criatividade de maneira livre, trabalhando de tal modo através de suas limitações e ao mesmo tempo estimando o que tem a possibilidade de aprender e produzir.

Através da arte o aluno desenvolve suas capacidades intelectuais e cognitivas, despertando dessa forma suas emoções, imaginações, sensibilidades e os levando a ponderar que arte sem dúvida é cultura. Contudo, é necessário que o educador saiba se colocar e permita o educando criar e desenvolver suas ideias. Possibilitando que as crianças encontrem distintos prazeres no momento de exibir seus desenhos e notar as limitações e dificuldades das crianças.

Sendo assim através do trabalho de pesquisa foi possível analisar uma reflexão e compreensão as respeito da importância da arte e as colaborações que a mesma acarreta na alfabetização. Nota-se que a arte possui como finalidade o auxílio em repensar em relação ao que se refere à arte na educação infantil. Dessa forma o educador necessita aperfeiçoar seus conhecimentos para assim

colaborar de maneira eficaz na educação e no ensino da arte.
Conclui-se que a escola apresenta um papel fundamental na valorização do ensino da arte, já que a mesma necessita desenvolver um trabalho sólido e duradouro onde a criança se conscientize como a arte é algo tão imprescindível em sua vida social. Os educadores e as escolas necessitam desmistificar que a disciplina de arte é somente um passatempo, dando sua importância devida, como um método transformador no qual auxilia os alunos a aperfeiçoarem seus saberes teóricos e práticos.

REFERÊNCIAS

BARROS, Gabriela de Angelis; GASPARIN, João Luiz. As novas exigências histórico-educacionais do ensino de artes na contemporaneidade. UEM. 2007. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada7/_GT4%20PDF/AS%20NOVAS%20EXIG%CANCIAS%20HIST%D3RICOEDUCACIONAIS%20DO%20ENSINO%20DE%20ARTES.pdf > Acesso em: 20 abr. 2025

BUORO, Anamélia. O olhar em construção. São Paulo: Cortez, 1996.

FERRAZ, Maria Heloisa C. de T; FUSARI, Maria Felisminda de R. Arte na Educação Escolar. São Paulo: Cortez, 1992.

FORMOSINHO, João. (2007). O currículo uniforme pronto-avestir de tamanho único. Viseu: Livraria Pretexto Editora.

MARTINS, Mirian C.; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.
PIRES, E. Proposta Curricular da Educação Infantil. Campinas: Prefeitura Municipal de Campinas. 2009.

VECCHI, Vea. O Papel do atelierista. IN: EDWARDS, C., GANDINI, L., FORMAN, G. As cem linguagens da criança: abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: ArtMed, 1999.

VYGOTSKY, L. A formação social da mente, São Paulo: Martins Fontes. 1989.